



Publicado originalmente em: IX EREGEO – Encontro Regional de Geografia. Novas territorialidades – integração e redefinição regional. Porto Nacional, julho de 2005.

O PAPEL DO SETOR CAMPINAS NA FORMAÇÃO DA CENTRALIDADE POLINUCLEADA DE GOIÂNIA

PAULA, Flavia Maria de Assis²
CORREA, Elaine Alves Lobo¹
PINTO, José Vandério Cirqueira¹

INTRODUÇÃO

As considerações apresentadas neste artigo são reflexões iniciais do projeto de iniciação científica que se encontra em andamento e intitula-se: *Centralidade Polinucleada: uma análise dos subcentros populares de Goiânia – o caso do Setor Campinas*. A proposta central é discutir a mobilidade das áreas centrais de Goiânia, observando as conseqüências da descentralização do centro tradicional e a configuração de novas centralidades, que implica também na discussão de centralidades múltiplas, polinucleadas e o papel do Setor Campinas na análise dos subcentros populares.

Uma análise profunda do espaço urbano de Goiânia deve considerar sua estrutura e adensamento metropolitano complexos, além de seus intensos fluxos regionais de produção, todavia é preciso ressaltar também a relevância dos fenômenos de seu espaço intra-urbano. Destaque-se entre tais fenômenos a existência de múltiplas centralidades resultantes da mobilidade no espaço intra-urbano goianiense, evidenciada nos fluxos de pessoas que usam diariamente a cidade, seja para o lazer ou trabalho. Nesse artigo tratar-se-á da centralidade do Setor Campinas, objetivando compreender a própria centralidade de Goiânia em toda a sua complexidade.

Esse artigo está estruturado em quatro subitens. Inicialmente discute-se a “*Decadência*” do Centro Tradicional de Goiânia, para posteriormente tratar de aspectos de sua *Centralidade Polinucleada*; na qual a discussão da dinâmica dos *Subcentros Populares* é bastante relevante. Destaque-se entre tais subcentros o *Setor Campinas*, cujos *Aspectos Históricos*, além de suas



Atividades Comerciais e de Serviços são aqui consideradas e brevemente analisadas, no auspício de se tecer algumas considerações sobre a centralidade da capital goianiense.

“DECADÊNCIA” DO CENTRO TRADICIONAL DE GOIÂNIA

Para se compreender a atual complexidade do espaço intra-urbano de Goiânia, faz-se necessário discorrer sobre o processo de “decadência” do Centro Tradicional em Goiânia resultante da mobilidade das classes abastada, o que conseqüentemente acaba configurando novas centralidades.

Conforme dados da Secretaria de Planejamento Municipal (SEPLAM, 2002), Goiânia tem cerca de 1.093.007 habitantes, número esse que sobe para 1.639.516 habitantes se considera-se também os que estão em sua área metropolitana, todo esse contingente populacional depende de forma direta e indireta de sua estrutura urbana. Para abastecer tão grande número de cidadãos, Goiânia desenvolveu ao longo de seu processo de constituição uma fragmentação espacial gerando novas centralidades com diferentes funções. Destaca-se aqui a fundamental importância que as Áreas Centrais desempenham na estruturação de qualquer cidade. Acerca da relevância da Área Central, o conceito colocado por CORRÊA (2001, p. 123) é bastante apropriado:

Uma característica comum da metrópole é a existência de uma área onde se concentram as principais atividades comerciais e de serviços, bem como os terminais de transportes interurbanos e intra-urbanos. Esta área, conhecida como Área Central, resulta do processo de centralização, indubitavelmente um produto da economia de mercado levado ao extremo pelo capitalismo industrial.

A existência do Centro se dá pela intenção de comportar a maior diversidade comercial e concentração de serviços em uma determinada área. O centro é de grande importância para o resto da cidade e sua hinterlândia, e isso se aplica também no que se refere ao caso de Goiânia.

Acerca de Goiânia vale ressaltar que seu Centro Tradicional “nasce” com a fundação da própria cidade (fundada em 24 de outubro de 1933), que foi criada pela necessidade de transferir a capital do estado na década de 1930. Apesar de ser uma capital nova, Goiânia



possui um processo de verticalização no Centro Tradicional e no Centro Novo (PAULA, 2003; PDIG, 1992), desencadeado a partir da década de 1970, e que exerce grande influência na constituição e concretização de novas centralidades em seu espaço intra-urbano. A respeito do surgimento do centro é coerente a colocação de VILLAÇA (1998, p. 239):

O centro surge então a partir da necessidade de afastamento indesejados e obrigatórios. Ele como todas as “localizações” da aglomeração, surge em função de uma disputa: a disputa pelo controle (...) do tempo e energia gastos nos deslocamentos humanos.

Esse mesmo afastamento, conseqüente da disputa por acessibilidade a um ponto privilegiado, engendra a segregação de grupos sociais que não conseguindo uma melhor localização, vêm-se obrigados afastarem-se das áreas mais valorizadas da cidade. Assim, a localização torna-se fator determinante para a interpretação do espaço intra-urbano.

Na disputa por acessibilidade e melhor localização no espaço intra-urbano, as classes de alto poder aquisitivo contribuem para o processo de descentralização das atividades de comércio e serviços, e conseqüentemente para desencadear o processo de “deterioração” dos centros tradicionais. Por outro lado, uma vez desencadeado esse processo de “decadência” o centro passa a representar também para as classes altas, ambiente caótico, violento e desestruturado. Havendo, então, mobilidade das classes abastadas para bairros que envolvem o Centro Tradicional. Esses fenômenos podem ser observados também em Goiânia, o que resulta na formação do chamado Centro Expandido, fato já observado em alguns estudos sobre a cidade (PAULA, 2003; PDIG, 1992; VAZ, 2002). Sobre o processo de descentralização, CORRÊA (2001, p. 126) observa que ela

implica em uma diminuição relativa da acessibilidade da Área Central, e aumento relativo da acessibilidade de outros locais, à qual está associado o desenvolvimento dos meios de transporte intra-urbanos mais flexíveis (...). Alguns dos locais periféricos ao centro tornaram-se réplicas em menor escala da Área Central, enquanto outros passaram a concentrar indústrias, novas ou



descentralizadas, originando, respectivamente, subcentros comerciais e áreas industriais não-centrais.

A descentralização pode ocorrer também através da expansão territorial da área central sendo envolvida pelas classes de melhor poder aquisitivo e seus respectivos meios de produção, seja o comércio ou serviços de diferentes funções. Nesse novo centro ocorre uma supervalorização mobiliária e fundiária. Em Goiânia esse fenômeno pode ser observado, conforme afirma PAULA (2003), nos Setores Bueno, Oeste e Marista, os quais “tiveram sua centralidade induzida tanto pela ação do Estado quanto pela ação dos agentes imobiliários e comerciantes” (Op. cit., p. 139). Os mesmos constituem essa lógica do Centro Expandido, na sua paisagem configura-se intensa verticalização habitacional e supervalorização dos imóveis de padrões luxuosos.

O Centro Tradicional de Goiânia após a década de 1980 entrou em processo de “decadência”, que na verdade foi a tomada do centro pelas classes mais populares e saída das classes abastadas juntamente com seus estabelecimentos comerciais mais sofisticados. CORRÊA (2001) denomina esse processo de *invasão-sucessão*. Esse fenômeno de Goiânia enquadra-se bem no que VILLAÇA (1998, p. 277) coloca acerca da mobilidade intra-urbana:

A década de 1960 marcou, em todas as nossas metrópoles e mesmo em cidades médias, o início do desenvolvimento de grandes “sub-regiões” urbanas de comércio e serviços voltados para as camadas de alta renda; para essas sub-regiões transferiram-se lojas, consultórios, cinemas, restaurantes, bares, profissionais liberais, estabelecimentos de diversão, etc., que atendiam àquelas camadas e que localizavam no centro principal. Tais “sub-regiões” passaram a ser conhecidas como “Centro Novo”.

PAULA (2003, p. 146), discutindo a descentralização e segregação sócio-espacial de Goiânia, cita um artigo do jornal *O Popular* o qual enfatiza essa retomada das classes populares da capital:



O artigo “A serviços dos camelôs”, (...) deixa evidente essa popularização do Centro de Goiânia, ao relatar que cada vez mais o comércio e os serviços do Centro estão a serviço dos ambulantes da cidade e que ele ganha um novo perfil de moradores: o crescente número de ambulantes que trabalham nele e que, aproveitando o baixo aluguel dos apartamentos de dois quartos do centro, resolvem fixar residência ali.

O fenômeno da descentralização é comum no espaço intra-urbano das cidades, tanto quanto a configuração de novas centralidades, já que ambas se dão simultaneamente. No caso do presente artigo, dar-se-á maior atenção à centralidade polinucleada. Fenômeno que será discutido no próximo item.

CENTRALIDADE POLINUCLEADA

Como já foi dito, a localização é o ponto chave para se constituir novas áreas centrais. Essa acessibilidade não está atrelada somente à questão da distância, mais de variedade de fluxos potencializados para os usos dessa nova centralidade. Pode ocorrer até uma auto-segregação das classes abastadas na busca de melhor qualidade de vida construindo nova localização em setores nobres distantes (condomínios horizontais), mas com alto nível de infra-estrutura e vias de circulação que propiciam a acessibilidade ao centro por meio de automóveis.

VILLAÇA (1998, p.283) coloca que o processo de descentralização gera a “bipartição do espaço metropolitano (...) constituindo-se, na verdade, em duas “cidades separadas”. (...) Cabe então à classe dominante escolher qual deles é o centro da cidade”. No entanto, a cidade como um todo pode sofrer fragmentação espacial, dentre esses espaços repartidos os mesmos podem se recentralizarem, esculpindo na sua fisionomia múltiplas centralidades polinucleadas. Ou seja, “múltipla, porque plural, há uma centralidade polinucleada, porque diferenciada.” (BELTRÃO SPÓSITO, 2001, p. 250). Assim, a centralidade polinucleada se define pela formação de áreas de grande diversidade comercial e de serviços que atendem a distintas



classes sociais, resultando em centros especializados em oferecer comércio e serviços mais sofisticados e outros que oferecem serviços e comércio mais populares.

A capital goianiense, além do Centro Tradicional, ou o Centro Expandido formado por um conjunto de bairros e em destaque os Setores Bueno, Oeste e Marista, mas também os Setores Universitário, Sul, Norte Ferroviário, Aeroporto e Jardim Goiás entre outros, formam o Centro Expandido. Nele observa-se uma multiplicidade e polinucleação dos mesmos (PAULA, 2003; PDIG, 1992). Antes disso é necessário observar a colocação de BELTRÃO SPÓSITO (2001, p. 238) sobre o centro e centralidade:

Se o centro se revela pelo que se localiza no território, a centralidade é desvelada pelo que se movimenta no território, relacionando a compreensão das centralidades, do plano conceitual prevalentemente à dimensão temporal da realidade.

O que é central é redefinido em escalas temporais de médio e longo prazo pela mudança na localização de atividades. A centralidade é redefinida continuamente, inclusive em escalas temporais de curto prazo, pelos fluxos que se desenham através da circulação das pessoas, das mercadorias, das informações, das idéias e valores.

Em Goiânia, os fluxos, citados por BELTRÃO SPÓSITO, e que são capitados através da circulação das pessoas, se espacializam em diferentes subcentros. Dentre os quais destaca-se o Setor Campinas, um importante pólo de atacado e varejo no comércio de tecidos, óticas, aluguel de roupas finas e diversidade comercial e que pode ser caracterizado com um subcentro popular, pois é direcionado à atender uma parcela da sociedade goianiense, as classes populares. Mas antes de se abordar a centralidade desse setor, é preciso discorrer sobre os subcentros populares.

OS SUBCENTROS POPULARES



Na metrópole capitalista o centro e o “não-centro” como afirma VILLAÇA (1998, p. 243) “são dialeticamente produzidos pelo mesmo processo sobre a égide dessas disputas, pelo controle das condições de deslocamento”. Sua função (“não-centro”) é exercida atrelada ao movimento do centro ou está polarizada a outras centralidades e subcentros. Fora dessa dinâmica, sobrevive somente a segregação e suas conseqüências que estagunam e espaço intra-urbano. Antes, é necessário perceber que há uma fragmentação diversificada para as especificidades intra-urbanas. É o caso de se estabelecer centralidades de classes abastadas, subcentros especializados como exemplo dos Hipermercados, entre outros, setores industriais e o mais relevante nesse caso, subcentro populares, aqueles voltados ao comércio, serviço, diversão e etc., às classes populares (BELTRÃO SPÓSITO, 2001).

Neste contexto o “não-centro” pode estabelecer direta relação e identificação com os subcentros populares, como acontece com os bairros que envolvem o Setor Campinas em Goiânia. Observa-se que esse subcentro recebe cidadãos de partes diversas da capital goiana por estabelecer uma coesão comercial no ramo de tecidos e outras especificidades. O que importa nesse momento é perceber o que difere uma centralidade de um subcentro, nas palavras de BELTRÃO SPÓSITO (Op. Cit., p. 250):

Essas diferenças são fortes indicadores do padrão sócio-econômicos dos freqüentadores dessas áreas centrais, oferecendo elementos para trabalhar com a idéia de que, não apenas, há uma descentralização/recentralização de atividades comerciais e de serviços, mas, paralelamente, à constituição de uma centralidade múltipla, porque plural, há uma centralidade polinucleada, porque diferenciada. Tal avaliação apóia-se na constatação de que as novas áreas centrais, ao mesmo tempo revelam uma centralidade, que se realiza para toda a cidade (ao contrário que se verifica nos subcentros), mostram-se diferenciados do ponto de vista dos padrões de consumo que estimulam e realizam.

Prosseguindo na identificação dos subcentros VILLAÇA (1998, p. 303) diz: “ Os grandes subcentros ‘tem de tudo’, inclusive no tocante dos serviços públicos e privados, e



nisso se opõem aos centros especializados”. Continuando com VILLAÇA (1998, p. 293) que conceitua subcentro sobre a seguinte colocação:

O subcentro consiste, portanto, numa replica em tamanho menor do centro principal, (...). Atende aos mesmos requisitos de otimização de acesso (...) para o centro principal. A diferença é que o subcentro apresenta tais requisitos apenas para uma parte da cidade, e o centro principal cumpre-os para toda a cidade.

Essa diminuição do raio de polarização do subcentro pode ser explicada pela sua própria característica. Portando uma fisionomia popular o subcentro não exerce atratividades a todos os tipos de classes sociais. Sabe-se que a sociedade capitalista é regida pela divisão entre os mesmos, é cadenciada para a particularização das classes sociais.

O interessante é que esses subcentros estão se formando com grande intensidade por várias cidades, e são na maioria de cunho populares, exercendo fundamental importância para a configuração e prática dinâmica dos espaços intra-urbanos das múltiplas cidades (CORRÊA, 2001; VILLAÇA, 1998). É o caso restrito de Goiânia que chama atenção, nesse momento, para a relevância do Setor Campinas. Portanto conhecer como se formou esse subcentro popular é o próximo passo desse artigo.

SETOR CAMPINAS - BREVE HISTÓRICO E ATIVIDADES COMERCIAIS E DE SERVIÇOS

O levantamento sobre os aspectos históricos de Campinas, foram baseados no livro *Notícias Históricas do Bairro de Campinas*, de CAMPOS (1985), artigos de jornais locais e documentos da Secretaria Municipal de Planejamento/Prefeitura de Goiânia.

Arraial de Campinas, esse era o nome do atual Setor Campinas, este que hoje abriga uma enorme concentração de comércio e serviços, já foi um dia um município autônomo, “Campininhas das Flores” como era conhecida pelos populares, teve sua formação no início do século XIX, em 1810. Em 1853 foi nomeada Freguesia, tornando-se dependente



juntamente com Bela Vista e Santa Cruz à Vila de Bonfim (atual Silvânia), já em 1907 Campinas é elevada à Vila se desligando de Bela Vista e de Bonfim, incluindo às suas terras o Patrimônio de Barro Preto atual município de Trindade (CAMPOS, 1985).

A população “campineira” residia nas imediações da Paróquia Nossa Senhora da Conceição (atual Matriz de Campinas), o Arraial contava com quarenta a cinquenta pessoas, nos quais, migrantes de outras partes do país. Mas o que deu impulso ao pequeno Arraial foi a vinda dos padres redentoristas da Alemanha (isso devido ao local ser dotado de ótimo clima, solo fértil, etc.) em 1895 com o intuito de administrar o Santuário de Trindade em Barro Preto, exerceram uma forte influência cultural no local.

Campinas se originou sob o aspecto da mineração, vários viajantes vinham de outras regiões à procura de ouro, mas o que se encontrava era só algumas minas de ferro. Goiás possuía uma disparidade muito grande no quadro sócio-econômico brasileiro, foi colonizado com um atraso de 200 anos em relação ao litoral. De acordo com CAMPOS (Op. cit., p. 43):

De fato, enquanto no leste e sul litorâneos, na terceira década do século, já se definiam como nitidamente capitalistas as formas de apropriação dos meios de produção e as relações por elas engendradas, os Estados do oeste debatiam-se ainda nas teias anacrônicas de uma economia de característica medieval.

Contudo, conclui-se que as autoridades do litoral deixavam o restante do país entregues a própria sorte, e iam à procura da Europa atrás de sua cultura e ideologia, descaracterizando assim sua identidade.

Segundo CAMPOS (Op. cit.) Campinas vivia uma acirrada disputa política em busca de hegemonia, de um lado os Bulhões (família regionalista), de outro os Xavieristas. Quando Pedro Ludovico Teixeira assumiu o Governo do Estado em 1931 surgiu a idéia da mudança da Capital do Estado que era na Cidade de Goiás para a região de Campinas.

Em maio de 1933, nas proximidades de Campinas abrigou-se a Capital do Estado de Goiás no Governo de Pedro Ludovico Teixeira, no qual nomeou o Professor Venerando de Freitas Borges no então atual governo como primeiro prefeito da jovem cidade. No mesmo decreto de nomeação do município para abrigar a Capital tinham um prazo de dois anos para



concretizá-los. Finalmente em março de 1937 o governador assina o decreto de transferência para então cidade denominada de Goiânia.

Nesse contexto, Goiânia estava se consolidando como cidade, enquanto Campinas já era um centro urbano, sendo de vital importância no comércio para a então capital do estado. Desde esse período Campinas já se destacava como centro comercial, o que reforça a sua importância no processo de constituição da centralidade de Goiânia. Daí a necessidade de melhor compreender quais são as atividades comerciais e de serviço por ele desempenhadas atualmente.

O Setor Campinas, desde sua existência, conforme enfatizado anteriormente, teve grande destaque comercial, ele surgiu de uma forma muito peculiar. Segundo o artigo *Riqueza no comércio* do jornal Diário da Manhã (31/08/1998), deixa bem claro isso: “Desde o começo da construção da capital goiana no início dos anos 30, os comerciantes fizeram da velha Campininha das Flores o seu local preferido”. E essa realidade perpassou por várias décadas como mencionado no mesmo artigo: “Campinas era o maior centro comercial e assim permaneceu por décadas”.

Com o surgimento de Goiânia, o Setor Campinas se tornou de certa forma a Área Central da cidade, possuindo uma grande diversidade de comércio e serviços (VAZ, 2002). Se o centro é caracterizado por atender toda população do município e seu entorno, nesse caso, Campinas poderia ser considerada como uma centralidade de Goiânia naquele momento específico. Segundo CAMPOS (1985, p. 54):

Ocorreu que nos primórdios de Goiânia as empresas de comércio atacadista, grandes armazéns, pequenas indústrias de transformação frigoríficas estabeleceram-se preferencialmente no bairro de Campinas (...). Aberta a Avenida Amazonas, hoje Anhangüera, ao longo dela instalaram-se casas especializadas e artigos de couro (...), produtos e implementos agrícolas (...), cujo ramo vem se diversificando de maneira sempre surpreendente, dando ao bairro aspecto tipicamente comercial.



Já nos anos de 1950, Goiânia passou por uma mutação no seu arranjo comercial e de serviços, decorrente dentre outros fatores de seu processo de expansão urbana e do crescimento acelerado de sua população. Houve uma descentralização comercial e de serviços do Setor Campinas para o propriamente dito, Setor Central (PAULA, 2003; PDIG, 1992, VAZ, 2002).

Assim, pode-se considerar que por um curto período o Setor Campinas um dia foi o centro de Goiânia, fato que ressalta a sua importância no processo de constituição da centralidade de Goiânia. Na atualidade, Campinas atende a uma parcela da sociedade goianiense, principalmente às classes de baixo poder aquisitivo, o que o caracteriza como um subcentro popular, já que atende somente uma parte da população goianiense e demandou um longo tempo para se formar. Acerca da formação dos subcentros populares VILLAÇA (1998, p. 307) lembra que: “Um subcentro tradicional leva décadas para se constituir e seu impacto se produz lentamente, sendo absorvido lentamente pela vizinhança, que aos poucos também se transforma.” Ainda segundo o referido autor essa “adaptação” por parte da população no subcentro, não ocorre com o Shopping Center, no qual a vizinhança não tem tempo para se adaptar, já que sua criação é rápida e se concentra nas áreas nobres das grandes cidades.

Atualmente Campinas conta com 4.789 estabelecimentos (SEPLAM, 2002), no qual 3.336 são estabelecimentos de comércio (69,6%) e 875 de serviços (18,27%). E por esse setor atender uma parcela da população de menor poder aquisitivo torna-o um subcentro popular de maior relevância, pois possui o segundo lugar de maior pólo comercial, ficando atrás somente do Centro Tradicional. Justificando a sua importância para o espaço intra-urbano de Goiânia.

O Setor Campinas é dividido por ruas temáticas, possuindo uma enorme diversidade. A Avenida 24 de outubro possui um comércio diversificado e um fluxo enorme de pessoas (transeuntes, consumidores, estudantes, etc.) e de veículos. Esse aumento da circulação de automóveis, transeuntes e de comércio descaracterizou em parte os aspectos cotidianos que sempre foi característico ao local.

Segundo entrevista dada pelo Presidente da Associação da Indústria e Comércio de Confecções de Campinas (Acicac) ao jornal *Diário da Manhã* do dia 05 de dezembro de 2004, no artigo *Trânsito e Lazer*, a Avenida 24 de outubro “é o maior shopping horizontal da América Latina” possuindo um total de 500 lojas em 1,6 km de extensão. As Avenidas Senador Jaime,



Pouso Alto, Alberto Miguel e São Paulo compreendem 200 lojas especializadas em móveis e eletrodomésticos usados (conhecidos como pregões). Tal afirmação evidencia a concretização e a importância desse setor como um subcentro popular.

Além de todas as Avenidas citadas acima, existem outras, especializadas em couros, tecidos, armarinhos, roupas, etc., ocorrendo o processo de coesão (CORRÊA, 2001) que se caracteriza pela aglomeração de comércio com mesmas funções, gerando para o consumidor uma maior comodidade de escolha. Como exemplo dessa coesão no Setor Campinas, pode-se citar a Avenida Benjamin Constant que é especializada no ramo de bijouterias. Essas são apenas algumas concentrações, existem outras de menor intensidade. Posteriormente, dando andamento ao projeto de pesquisa, será confeccionado um mapa com a distribuição espacial das principais atividades de comércio e serviços do setor.

Segundo o artigo *Trânsito e Lazer* do Jornal O Diário da Manhã (05/12/04) a maioria dos comerciantes não reside no bairro, o que acaba não incentivando a implantação de equipamentos urbanos voltados para o lazer, explicando assim a falta de opção para os moradores de Campinas no qual totalizam 13.147 moradores (SEPLAM, 2002), que contam apenas com a Praça Joaquim Lúcio (que passou por uma revitalização recentemente), Biblioteca Cora Coralina, Igreja Matriz e anteriormente possuía cinco salas de cinema (CAMPOS, 1985) e hoje sofreu uma decadência na parte de entretenimento não possuindo nenhuma.

Ainda segundo o mesmo artigo, há planos para a construção de um shopping center no local onde se encontra o Campo do Atlético. Se realmente esse projeto se concretizar, o setor provavelmente sofrerá um impacto em sua estrutura de subcentro popular, descaracterizando-se como comércio voltado para a classe de menor poder aquisitivo (no caso dos camelódromos nas imediações do Terminal da Praça A) passando a atender uma população mais abastada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Setor Campinas tem fundamental importância na história do Estado de Goiás. Já portou modos de vida cotidianos, com a transferência da capital torna-se principal centro



comercial nesse período, posteriormente sofre concorrência do novo centro de Goiânia tornando-se o mais importante subcentro popular da capital. Destarte, tem papel fundamental na configuração das centralidades de Goiânia.

Por ser um subcentro que atende à classe popular, propicia comodidade aos seus usuários justamente por oferecer uma diversidade de comércio e serviços.

A divisão dessas funcionalidades do espaço intra-urbano chama a atenção para a necessidade de uma discussão mais profunda acerca de tal processo. No qual a fragmentação espacial gera ainda movimentos espaciais diferenciados na dinâmica interna da cidade. Pode-se afirmar que, a centralidade múltipla e polinucleada de Goiânia a divide em várias cidades com peculiares universalidades dentro da própria cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTRÃO SPÓSITO, M. E. Novas formas comerciais e a redefinição da centralidade intra-urbana. In: _____ (Org). *Textos e Contextos para a leitura geográfica de uma cidade média*. Presidente Prudente: [s.n.]. 2001.

CAMPOS, I. F. *Notícias Históricas do Bairro de Campinas*. Goiânia: Prefeitura Municipal, Assessoria Especial de Cultura, 1985.

CORRÊA, R. L. *Trajetórias Geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

DIÁRIO DA MANHÃ. *Cidade Florescente*. Goiânia. 31 ago 1998. Bairros. p.3.

DIÁRIO DA MANHÃ. *Riqueza no Comércio*. Goiânia. 31 ago 1998. Bairros, p. 6.

DIÁRIO DA MANHÃ. *Trânsito e Lazer*. Goiânia. 05 dez 2004. Bairros.

PAULA, F. M. A. *Descentralização e Segregação Sócio-Espacial em Goiânia: uma análise da Centralidade dos Setores Bueno, Oeste e Marista*. 2003. 202. f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003, p. 72 a 215.

PLANO de Desenvolvimento Integrado de Goiânia 2000. Goiânia: Instituto de Planejamento Municipal da Prefeitura Municipal de Goiânia, 1992.



SEPLAM, *Radiografia Sócio-Econômica de Goiânia 2002*. Goiânia: Secretaria Municipal de Planejamento da Prefeitura de Goiânia, 2002.

VAZ, M. D. A.C. *Transformação do centro de Goiânia: renovação ou reestruturação?* 2002. 269 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003.

VILLAÇA, F. *Espaço Intra-Urbano no Brasil*. São Paulo. Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 1998.

² Professora do Curso de Geografia da UnUCSEH – UEG – Anápolis/GO. Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás— IESA/UFG. E-mail: flaviapaula@cultura.com.br.

¹ Alunos/Bolsistas - PIVIC do Curso de Geografia da UnUCSEH – UEG - Anápolis/GO. E-mail: clainelobo23@yahoo.com.br; vanderio@yahoo.com.br.